



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PATRICIA ALVES DA SILVA

**O processo de construção do Cemitério São Pedro de Alcântara em
Picos- PI (1901 a 1948).**

PICOS-PI

2018

PATRICIA ALVES DA SILVA

**O processo de construção do Cemitério São Pedro de Alcântara em
Picos- PI (1901 a 1948).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção de nota na disciplina de TCC II. Sob orientação da Professora Ma. Carla Silvino de Oliveira.

PICOS-PI

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586p Silva, Patrícia Alves da.
O processo de construção do cemitério de São Pedro de Alcântara em Picos-PI (1901 a 1948). / Patrícia Alves da Silva.
– Picos,PI, 2017.
59 f.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

Orientador(A): Profª. Ma. Carla Silvino de Oliveira.

1. Práticas Fúnebres - Costumes. 2. Cemitério - Memória. 3. História – Saúde Pública. I. Título.

CDD 363.75098122



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e seis (26) do mês de Junho de 2018, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Patrícia Alves da Silva** sob o título **O processo de construção do cemitério São Pedro de Alcântara em Picos-PI (1901 a 1948)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof^ª Ma. Carla Silvino de Oliveira

Examinadora 1: Prof^ª Dr^ª Ada Raquel Teixeira Mourão

Examinadora 2: Prof^ª Dr^ª Érica Lôpo de Araújo

Deliberou pela Aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 26 de Junho de 2018.

Orientador (a): Carla Silvino de Oliveira

Examinador (a) 1: Érica Lôpo de Araújo

Examinador (a) 2: Ada Raquel Teixeira Mourão

Aos meus pais,
Antônio e Francineta e toda minha família.

“Alguns homens veem as coisas como são, e dizem por quê?
Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo por que não?”

(George Bernard Shaw)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a ti meu Senhor, obrigado pelo cuidado, carinho e amor.

A minha mãe Francineta Maria da Silva e meu pai Antônio Alves da Silva, pois sem vocês eu não teria o privilégio de ter chegado até aqui, obrigado por todo esforço, incentivo e principalmente por acreditar sempre em mim, os meus esforços são para além de uma realização pessoal, a vocês, minha gratidão.

Agradeço imensamente ao meu esposo Rogério Pereira de Sousa, por acreditar em mim e me considerar estudiosa, obrigado por contribuir e ajudar bastante nestes últimos dias.

Obrigado aos meus irmãos José Fábio da Silva e Josefa Fabiana da Silva, agradeço também a minha primeira tão amada e esperada sobrinha Heloísa, o que dizer de vocês meus AMORES, obrigado por acreditarem em mim, por investirem em mim, obrigado por me entenderem nos meus momentos de estresses e desesperos internos. Enfim, obrigado a toda minha família!

Agradeço de coração a família que Deus me permitiu escolher família Lemos em nome do Senhor Valdemir Lemos Rodrigues e Dinalva Vidal de Lemos, obrigado por ter me acolhido e cuidado de mim como uma filha serei eternamente grata por tamanho carinho e cuidado.

A você Daniel Miguel e Chirley, irmãos de coração amo vocês, serei sempre grata por poder contar com esta amizade em todas as horas!

Obrigada a minha orientadora Prof. Ma. Carla Silvino de Oliveira pelo acolhimento, paciência, incentivos, agradeço pelas leituras e orientações, foram enriquecedoras.

À minha UFPI por esses cinco anos! Agradeço a todo o corpo docente que tive a honra de ser aluna.

Ao professor, Diretor, Gleison Monteiro grande profissional, José Lins (Zé Lins) atual Coordenador do Curso meu muito obrigado. E aos demais professores que durante o curso foram essenciais para nossa caminhada, o professor Raimundo, Nilsângela Cardoso, Olivia Rufino, Fabio Leonardo, Luís Filipe, Iael, Erica Lopô, Mona Ayala, Karla Ingrid, Carla Silvino, Ana Paula, Katia Moura, Gardner Arrais,

Lurdes Rufino, Mairton Celestino, Agostinho Coe, Sabrina, Nádia Fernanda, Petrúcio, Naldinei enfim a todos!

Agradeço também pela oportunidade de participar do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), coordenado pela professora Carla Silvino, agradeço ainda ao Núcleo de Pesquisa e documentação em História (Nupedoch), coordenado por: Mairton Celestino da Silva, Francisco Gleison Monteiro e Agostinho Júnior Holanda Coe. Onde tive o privilégio de participar durante o período de 2016 a 2017, atuando no processo de catalogação e digitalização de documentos eclesiásticos.

Não posso esquecer o melhor grupo que a UFPI poderia ter me dado “os diferentes” composto por mim claro, Tamires Duarte, Wesley Moreira, Eunice Rocha e Dayana Costa, diferentes sim cada um com seu jeito único, cada um com seus medos, anseios e frustrações, mas a gente se completa nas diferenças há vocês meu muito obrigado, pois sem vocês teria sido bem mais difícil, tenham certeza que irei levá-los para minha vida.

A minha querida amiga, Gabriela (Gabyzinha) que aos poucos foi tomando conta da minha vida e se tornando minha amiga, obrigada querida por todo carinho e incentivo, pois seu esforço e determinação foram combustíveis para aqueles que te admiram e te cercam, obrigado por seu sorriso contagiante que fizeram de momentos tensos uma grande piada, você é daquelas que levamos para a vida.

Enfim a todos os meus amigos de sala, aos quais tenho orgulho da boa relação que construímos William, Antoniel, J.Rosa, Alaylton, Herleson, Marcos Henrique, Paulo Henrique, Cleovan, Maelson, Elayne, Ana thayse, Crislane, Fredisônia, Alessandra, Winne, Nalva, Layla, Regivalda, Alayde, Lutegardes e Mauricio muito bom conhecer vocês e poder conversar, aprender, ensinar, aconselhar também receber conselhos. Vocês são demais, admiro cada um especificamente Enfim obrigado por tudo!

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar o processo de construção do cemitério São Pedro de Alcântara em Picos-Pi, entre os anos 1901 a 1948. Para isso a pesquisa contempla: entender a relação do homem com a morte a partir da análise das teorias miasmáticas do século XIX e XX, a fim de compreender a construção histórica social dos espaços de enterramentos, e com isso o cemitério na Cidade de Picos-Pi. Analisamos ainda o uso deste espaço através da inspeção dos túmulos, que nos permite compreender o processo de preservação das memórias fúnebres que se encontram no Cemitério da cidade de Picos, dessa forma foi fundamental examinar este espaço e o uso do mesmo, para assim perceber como se deu a construção histórica e social das práticas fúnebres. Para isso, utilizamos os estudos do historiador Philippes Ariés (2003) para analisarmos os costumes fúnebres semelhantes ao do ocidente e entender diferentes ações do homem diante da morte. Também foram válidas as contribuições do historiador João José Reis (1991) que nos possibilitou assimilar a revolta da cemiterada na Bahia. E ainda foram de suma importância o subsídio da Cláudia Rodrigues (2005) e outros autores referentes à temática da construção dos cemitérios no Brasil. Para realização deste, trabalhou-se com análise de fontes escritas e imagéticas, utilizando-se de critérios quantitativos em alguns casos, como de uma análise qualitativa em outros. Os registros de óbitos foram analisados, contabilizadas e processadas suas informações a fim de um melhor resultado com os dados.

Palavras-chave: Práticas fúnebres; Cemitérios; História da Saúde Pública.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1:	Entrada Principal do Cemitério São Pedro de Alcântara.....	35
Imagem 2:	Cemitério São Pedro de Alcântara.....	35
Imagem 3:	Entrada lateral no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	36
Imagem 4:	Túmulos com grades no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	38
Imagem 5:	Túmulos com grades no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	39
Imagem 6:	Túmulos com grades no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	40
Imagem 7:	Túmulo antigo no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	43
Imagem 8:	Túmulo moderno no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	44
Imagem 9:	Túmulo no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	46
Imagem 10:	Túmulo no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	47
Imagem 11:	Mausoléu da Família José de Deus Barros.....	48
Imagem 12:	Sepultura simples no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	49
Imagem 13:	Túmulo de Família italiana no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	50
Imagem 14:	Registro de Óbito.....	51
Imagem 15:	Registro de Óbito.....	52
Imagem 16:	Túmulo extramuros no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	53
Imagem 17:	Túmulo antigo no Cemitério São Pedro de Alcântara.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I – A Relação do homem com a morte: uma perspectiva histórica e antropológica.....	14
1.1 A construção histórico social dos espaços de enterramentos: os cemitérios extramuros.....	18
1.2 O cemitério na perspectiva do regulamento de 1901.....	25
1.3 Registros de Óbitos: fonte histórica para os estudos cemiteriais.....	27
CAPÍTULO II - Cemitérios: construção histórica e social	33
2.1 O Cemitério São Pedro de Alcântara: aspectos gerais.....	35
2.2 Os túmulos de 1901 a 1948: distinção social através da arquitetura tumular.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

O cemitério se constitui como espaço destinado ao enterro de cadáveres humanos. No entanto, nem sempre foi neste local, no Brasil durante o período colonial e imperial, os enterramentos ainda eram realizados no interior das Igrejas. Contudo essas práticas começaram a ser questionadas por volta de 1830. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivos entender a relação do homem com a morte fazendo uma análise das teorias miasmáticas do século XIX e XX, a fim de compreender a construção histórica social dos espaços de enterramentos, e com isso a construção do primeiro cemitério da Cidade de Picos-PI.

Estudar os cemitérios não é uma tarefa que agrada a muitos, visto que nos remete a ideia de morte, saudade, memória enfim envolve sentimentos. Pois o mesmo é local de memórias, histórias que em muitos casos foram interrompidas abruptamente, e o que resta é uma imensa saudade por parte dos familiares que eternizam a memória e os nomes daqueles que já se foram. É em si, um lugar que ultrapassa os concretos, invadem as sensibilidades, sentimentos e emoções daqueles que vão relembrar seus entes queridos. Elisiana de Castro afirma que:

Falar de um cemitério é tocar a morte em suas diversas dimensões. É se aproximar da dor de quem se despede daquele que ama, da saudade que fica na ausência dos que ali estão sepultados, é tocar na memória enterrada no cemitério, mas, muitas vezes, viva naqueles que ali deixaram os seus entes. É se deparar com a nossa fragilidade, independente das crenças que possamos ter quanto à morte e à própria vida.

Estudar um cemitério é se acercar da presença física da morte, apesar da decomposição imposta aos corpos que ali estão. E é a dor diante da morte que faz do cemitério, da sepultura, do doente, do luto e de tudo mais que a permeia, um grande tabu, que mesmo tratado como inexistente, continua a nos fazer pensar nos diversos sentidos da mesma, quando nos deparamos com ela. (CASTRO, 2004, p.2)

A construção dos cemitérios aqui no Brasil dará início no século XIX, após a atuação dos médicos higienistas influenciados pelas ideias europeias trabalham no desenvolvimento das teorias miasmáticas e microbiana. Estas teorias diziam respectivamente que as pessoas que estivessem contato com ares poluídos iriam ficar doentes, devido à matéria orgânica em decomposição e a outra teoria era baseada no contágio através dos micro-organismos.

Os principais autores utilizados foram o Psicólogo Edgar Morin (1988) para melhor entendermos a relação do homem com o morrer, ainda contamos com as contribuições do historiador Philippes Ariés (2003) para analisarmos alguns os costumes semelhantes ao do ocidente e entender diferentes tipos de morte. Também foram válidas as contribuições do historiador João José Reis (1991) que nos possibilitou assimilar a revolta da cemiterada na Bahia referente às construções dos cemitérios, No entanto ainda foi de suma importância o subsídio da Cláudia Rodrigues (2005) em relação às transformações nas atitudes diante da morte no Rio de Janeiro.

Aportes como da historiadora Carla Oliveira (2007) e do Alain Corbin (1987) que foram essenciais para compreendermos as teorias miasmáticas. Outro auxílio importante foi da historiadora Elisiana de Castro (2004) que colaborou bastante com a temática cemitério, enfim entre outras leituras que deram o seu reforço.

Durante a pesquisa percebemos diferentes concepções do significado da morte e do sepultamento, e que muda ao longo dos anos, devido a ser historicamente e culturalmente construída. Já que é inevitável a chegada da morte devemos discuti-la e pensá-la como forma de melhor entendermos as relações de homens e mulheres durante suas vidas.

No decorrer do mesmo apontaremos as causas que contribuíram significativamente para que posteriormente os enterros fossem realizados nos cemitérios. Ainda serão discutidos conceitos como miasmas, salubridade e a relação dos mesmos com a temática. Outro fator importante é os registros de óbitos, pois através destes conseguiremos saber as causas de morte mais recorrentes, a data dos óbitos entre outros.

Para fundamentar a referida pesquisa, analisaremos o regulamento do cemitério, São Pedro de Alcântara de (1901) e com isso verificar se este espaço segue as normas do início do século XX. É importante relatar que o cemitério em questão passou por transformações no decorrer dos anos, devido aos espaços que iam ficando cada vez mais cheios, e é possível perceber estas alterações através das construções dos túmulos devido às arquiteturas e também as datas.

A inspeção aos túmulos nos permite compreender como estão preservadas as memórias dos inúmeros falecidos que se encontram enterrados neste local, dessa forma foi fundamental examinar este espaço e o uso do mesmo, para assim perceber como se deu a construção histórica e social do cemitério.

Para realização deste, trabalhou-se com análise de fontes históricas. Os registros de óbitos foram analisados, contabilizadas e processadas suas informações a fim de um melhor resultado com os dados.

As demais fontes, como as fotografias dos túmulos, foram minuciosamente exploradas, para que pudéssemos chegar ao nosso objetivo de observar o processo de construção do cemitério sob o viés histórico e social, e não apenas como uma construção física. E para, além disso, investigar os espaços cemiteriais como lugar de memória, e como as mesmas estão preservadas durante o tempo, no sentido da classificação social.

Sobre o trabalho iconográfico com os túmulos, ainda é possível demonstrar como as famílias se relacionam com a morte. É interessante fazer menção do regulamento do cemitério, pois estes foram essenciais para compreendermos o processo de construção histórico social.

O interesse em pesquisar esta temática se deu após uma conversa informal com uma amiga psicóloga, onde ela falava de seu trabalho que era sobre a Tanatologia: Vida e Finitude. A partir de então da categoria da tanatologia não saiu mais da minha mente assim surgiu um fascínio pela temática morte e tudo que a envolve.

No primeiro capítulo deste trabalho, trato da relação do homem com a morte e de como ocorreu às transformações em torno dos enterros que eram realizados nas igrejas, a fim de entender a construção dos cemitérios. Sigo com as mudanças de enterros do interior das igrejas para os cemitérios extramuros devido às novas regras de higiene que eram impostas pelos médicos e governo. Finalizo este primeiro capítulo discutindo a importância dos registros de óbitos e do regulamento do cemitério estudado o São Pedro de Alcântara para melhor assimilar os questionamentos necessários para construção do mesmo.

No segundo capítulo, discuto a temática cemitério que é para além de uma simples construção, os cemitérios agora ocupam um espaço físico, onde no decorrer da história tem ganhado novas formas de apropriação do espaço. Analisamos ainda o uso destes espaços de enterramentos, já que se trata de um espaço de construção histórica e social, apresentando o Cemitério escolhido para a referida pesquisa através de imagens. Busco perceber através dos documentos a relação dos vivos para com seus mortos, e de como as diferenças sociais estão expostas nas construções dos túmulos.

CAPITULO 1- A Relação do homem com a morte: uma perspectiva histórica e antropológica

O item a seguir tem como objetivo principal identificar as diversas formas de relação do homem diante da morte, pelas perspectivas antropológicas e históricas. Diante disto serão analisadas as obras do Edgar Morin (1988), do Philippe Ariés (2003) e da Claudia Rodrigues (2005).

Para realização deste trabalho, faz-se necessário que de início entendamos a relação do homem com a morte, já que o mesmo trata da temática Cemitério. E para isso será feito uma abordagem do que é a morte e a relação do homem com o morrer. Morin (1988) sociólogo e antropólogo francês. Através de sua obra é possível discutir o “horror da morte”, algo que é impossível de não acontecer, pois “todos os vivos são mortais”.

Ao lermos o referido autor entende-se que existe uma relação com o morrer, pois por mais que um grupo seja arcaico eles nunca abandonam os seus mortos. Com isso já comprova que desde os primeiros tempos a morte está presente. O que existe são formas diferentes de se lidar com a morte, ou seja, diferentes formas de “luto”. Para Morin (1988): “É impossível conhecer o homem sem lidar com a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental”.

Para algumas sociedades, principalmente as cristãs a morte é o fim da vida, é quando algo deixa de existir, neste caso a vida, que por sua vez é algo doloroso, já que ninguém nunca está preparado para a perda de um ente querido, e segundo o autor essa dor é maior quando a nossa proximidade é bem íntima com o morto, e a dor vai aumentando à medida que se vai pensando em todos os processos que acontecem com o corpo após a morte com isso é difícil imaginar que o seu ente querido se resumirá ao pó.

A dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto estiver presente e reconhecida: quanto mais o morto for próximo, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, “único, mais violenta é a dor; nenhuma ou quase nenhuma perturbação se morrer um ser anônimo, que não era “insubstituível” (MORIN, 1988, p.32).

De acordo com o trecho acima nota-se que o denominador comum entre: o horror da morte, o terror da decomposição e a dor do funeral, é a perda da

individualidade, pois a morte de alguém bem próximo é mais dolorosa de quando não conhecemos outro semelhante que também morreu.

É interessante ressaltar que o fato de sabermos que vamos morrer afeta até as crianças com isso percebeu que a consciência da morte começa a se formar na infância:

S. Morgernstern relata que uma menina de quatro anos chorou durante vinte e quatro horas quando lhe disseram que todos os seres vivos tinham que morrer. Só a promessa solene feita por sua mãe de que ela, a criança, não morreria a conseguiu acalmar (MORIN, 1988, p.30).

Independentemente da idade do indivíduo, ou da época em que o mesmo vive ou viveu é perceptível que há um pensamento e um horror a morte.

Mas desde já é notável constatar que nenhuma sociedade, inclusive a nossa, conheceu ainda a vitória absoluta, seja da imortalidade, seja da consciência desmistificada da morte, seja do horror, da morte, seja da vitória contra o horror da morte (MORIN, 1988, p.38).

Diante disso retornamos a afirmação feita inicialmente “todos os vivos são mortais”.

Ainda sobre a relação do homem como morrer, é interessante enfatizar a relação “esquecer a morte com a morte”. Segundo Morin, (1988) em situações de guerras nas sociedades muito evoluídas os indivíduos tendem a deixarem individualidade de lado, levando os homens a buscarem visibilidade, exaltação, heroísmo, contudo se tornam obcecados pela morte, e para ele este misto de emoções é uma forma deles quererem esquecer a morte matando, mas disfarçado em forma de certo “patriotismo”.

Percebe-se que, à medida que nascemos e vamos tomando consciência da vida, também vamos criando consciência da morte, pois a morte é inerente à vida sobre isto o Morin (1988) afirma que:

A consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. É só “por experiência”, como diz Voltaire, que o homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo. Portanto, é porque seu saber da morte é exterior, aprendido, não inato, que o homem é sempre surpreendido pela morte. Freud mostrou este fato: “sempre insistimos no caráter ocasional da morte: acidentes, doenças, infecções, grande velhice, revelando assim claramente a nossa tendência a despojar a morte de seu caráter de necessidade, a fazer dela um fato puramente

acidental.” Mas o importante não é tanto a tendência a despojar a morte de seu caráter de necessidade: é antes o assombro sempre novo provocado pela consciência da inelutabilidade da morte (MORIN, 1988, p.61).

Juntamente com a tomada de consciência da morte, no decorrer da vida também vamos aprendendo as formas de luto, embora hoje na sociedade em que vivemos a morte não seja mais tão cheia de rituais como era há décadas atrás, mas como já fora citado acima independente da civilização elas jamais abandonam seus mortos, com isso também não abandonam quaisquer que sejam as formas de luto.

Abordando ainda sobre o tema é interessante observarmos que a morte geralmente é acompanhada de religiosidades. Partindo do olhar do pensador sobre a morte o Morin, o mesmo faz questionamentos sobre a adaptação ou inadaptação do homem a morte, e isso nos provoca a pensar e até dizer que o fato da morte sempre estar presente na nossa sociedade, nunca foi o bastante para que o homem se adapte mesma. Com relação à morte ser algo presente na nossa sociedade, desde os primórdios é interessante fazer menção ao nosso objeto de pesquisa que é o cemitério, já que o mesmo passou a ser uma extensão da vida, mas nem sempre ele esteve presente na sociedade, pois este espaço irá surgir de necessidades que serão tratadas ao longo do texto.

E isso é perceptível, pois por mais que alguém diga que estar preparado para a morte, no caso o indivíduo que esteja à beira da mesma, sempre vai haver alguém que não se conformará com a morte do mesmo, e o luto é uma forma de demonstração. O Morin (1988) vai dizer que “O luto exprime socialmente a inadaptação à morte, mas, ao mesmo tempo, ele é este processo social de adaptação que tende a fechar a ferida dos indivíduos sobreviventes”. (MORIN, 1988, p.80)

Ao analisarmos o trecho acima de início soa estranho, pois quando se põem luto por alguém a intenção é aproximar o falecido de si, é preservar a memória do mesmo, ou até mesmo dependendo da causa morte uma forma de protesto, contudo essa prática acaba sanando a saudade, e provocando uma sensação de paz e dever religioso cumprido. Assim entende-se que as facetas da morte estar intimamente ligada a causa da morte e também ao cunho religioso.

A diferença primordial entre o trabalho do Morin (1988) e o do Philippe Ariés (2003) é que Morin defende discursões de crenças e ideologias da morte e uma

relação do homem com a morte. Uma vez que o Ariés (2003) faz um estudo de longa duração, onde busca compreender a atitude do homem diante da morte em diversas sociedades e épocas. O mesmo faz uma análise da construção histórica, e observa as mudanças ocorridas nas formas de lidar com a morte e os rituais dos funerais, o mesmo ainda afirma que isto se deve a um fenômeno material muito importante que é: o “deslocamento do lugar da morte”, algo que será mencionado na morte interdita.

Para complementar, a pesquisa em questão contará com as contribuições da pesquisadora Claudia Rodrigues (2005), a preocupação com a morte era pautada no mistério que a mesma reservava. Neste momento ainda era mais recorrente a ideia do bem morrer, e se tinha a igreja como patrocinadora deste estado, pois a mesma ajudava na passagem desta vida para outra, apesar do sofrimento que a pessoa pudesse estar, o ritual trazia um conforto espiritual. No entanto, o que se percebe partindo deste presente século nota-se que diminui a preocupação com os mistérios da morte, a preocupação atual é com a vida terrena e o que se deixa de viver, não mais com passagem, com isso a cada dia que passa os rituais desaparecem. Para fundamentar o que foi dito Claudia Rodrigues relata que:

Todo ritual fúnebre o preparava e para o momento da “passagem”. Uma vez secularizada a morte, o teatro não existia mais, o cenário do “último combate” desapareceu. A preocupação para a morte, na perspectiva anterior, se desfez. O moribundo passou a solitariamente viver sua passagem no leito de um hospital, tendo basicamente por companhia os equipamentos que, incansavelmente e, às vezes, artificialmente, mantêm seu espírito vital, mas não proporcionam conforto espiritual. (RODRIGUES, 2005, P.365).

Em dado momento Rodrigues (2005) corrobora com o pensamento de Ariés (2003) em relação à diminuição da preocupação com os mistérios da morte. Ariés (2003) discute a morte interdita, onde as grandes mudanças do século XX, tem ocultado quase sempre a gravidade da doença para o moribundo, e o antigo costume de morrer em casa agora é substituído pela morte no hospital muitas das vezes sem a assistência da família, apenas acompanhado pela equipe hospitalar.

Com isso entende-se que está havendo uma medicalização da morte. Aprofundando mais sobre a morte interdita, “A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de

interdição” (ARIÉS, 2003, p. 84). O Ariés (2003) diz que no século XX “Aqueles que cercam o moribundo tendem a poupá-lo e a ocultar-lhe a gravidade de seu estado”.

Contudo o que acontece é uma mudança nos costumes, e uma luta da sociedade atual em banir a morte afim proteger a vida, todavia há uma dificuldade do homem em lidar com a questão de finitude, assim insiste nesta ideia da “interdição da morte a fim de preservar a felicidade” é o que afirma Ariés (2003).

O autor ainda enfatiza que o luto é discreto e que a modernidade está ameaçando até a ida aos túmulos, pois hoje em dia já existe a cremação dos corpos, assim excluindo a peregrinação. Ariés (2003) enfatiza que no período da Idade Média até os mais bravos guerreiros demonstravam os seus lutos, ou seja, os seus sentimentos é o que vemos a seguir:

Nesta situação, o rei Artur desmaia várias vezes seguidas, bate no peito e esfola o rosto de um jeito que o sangue escorria os borbotões. “No campo de batalha o rei cai do cavalo e desmaia diante do corpo de seu sobrinho”. O texto continuará dizendo que ele abraçará longamente o corpo frio o beijará a o rosto e a boca (ARIÉS, 2003, p. 245-246).

Diante do que já foi relatado, é possível notar o advento da industrialização, com isso o desenvolvimento é mais recorrente e assim podemos observar que as mudanças e desenvolvimento tem nos acompanhado dia a dia neste caminho, assim como a morte, mas esses fatores não tem impedido da mesma executar seu trabalho, não fazendo distinção de ricos ou pobres, velhos, jovens ou crianças. Ela permanece e vem a qualquer tempo e para todos. E as contribuições dos autores citados servem para percebermos que de nada adianta procurar fugir da ideia da morte.

1.1 A construção histórico social dos espaços de enterramentos: os cemitérios extramuros.

No item a seguir será analisado o objeto de pesquisa do trabalho em questão, que é o Cemitério, especificamente o São Pedro de Alcântara, para tal análise é de suma importância entender a construção do mesmo, e de como as teorias miasmáticas contribui para tal construção.

Philippe Ariés (2003) faz uma análise do ponto de vista histórico e sociológico analisando o conceito da morte através de várias temporalidades, as atitudes diante da morte se modificaram lentamente, ora inovando ora voltando aos costumes iniciais, assim como as posturas em relação à religiosidade e espiritualidade. As variações dessas expressões podem ser vistas desde os grandes monumentos até a simplicidade das sepulturas em algumas regiões.

Ao longo da discussão trataremos dos espaços de enterramentos, os Cemitérios extramuros, objeto de pesquisa do referido trabalho, para tal análise será usado o São Pedro de Alcântara; público o maior da cidade, já que há a existência de um menor, que fica localizado no parque de Exposição o Jardim da Eternidade. O que irá se analisar fica situado no Bairro São José, em Picos, no Estado do Piauí o mesmo foi fundado em 1901. Para isso será feito uma abordagem de como os enterramentos passaram serem realizados nos cemitérios, já que outrora os mesmos eram feitos dentro das igrejas.

Enterros dentro das igrejas era um costume e foi realizado até o século XIX, essa prática também ocorria devido ao fato de aproximar o morto do plano celeste. Tendo em vista que os cristãos eram intimamente ligados a suas crenças, e acreditavam que os enterros nas igrejas, facilitava a passagem dos mortos para o outro mundo, pois esse era um costume essencial para a salvação da alma, e uma vez que esses enterros saíssem das igrejas os mortos não teriam uma passagem tranquila.

O século XIX é marcado por avanços no campo da medicina, e com isso o surgimento de novas teorias, teorias essas que defendiam a implantação de práticas higiênicas, a fim de sanar doenças e mortes decorrentes da contaminação de ambientes fechados e sem salubridade. Mesmo a prática dos enterros dentro das igrejas trazendo uma proximidade dos vivos para com seus mortos, como também dos mortos com um possível plano celeste, os sepultamentos eclesiásticos passaram a ser considerados prejudiciais à saúde pública, pois à medida que as pessoas eram enterradas dentro das igrejas, o ambiente ficava vulnerável aos surtos epidêmicos.

Um dos fatores primordiais, para que houvesse um local reservado para o enterro dos mortos foi o aparecimento de doenças e enfermidades relacionadas à falta de higiene. E segundo os médicos higienista do século XIX, o fato dos enterros acontecerem dentro das igrejas, e o contato das pessoas em estar fazendo suas

peregrinações até os seus mortos e devido à igreja ser um local de ajuntamento de pessoas para adoração e prestação de culto, tudo isso influenciava na contaminação. Fatores esses que outrora não eram percebidos, com isso começou a desenvolver a ideia do perigo trazido pelos mortos que até então não incomodavam.

Assim as pessoas que frequentavam as igrejas tinham sua saúde prejudicada, e com isso seria mais higiênico os mortos serem enterrados em locais distantes dos centros das cidades, em cemitérios construídos onde houvesse uma maior circulação de ar. Os discursos médicos mostravam a insalubridade dos locais em que os mortos eram enterrados e também como esses espaços eram focos de epidemias.

Diante do olhar dos médicos esses locais insalubres eram discutidos entre eles através das teorias miasmáticas, os “miasmas” que era uma categoria ainda desconhecida, eles acreditavam que miasmas eram emanções invisíveis e nocivas que infectava o ar e corrompia o corpo humano, os mesmos eram gerados através das sujeiras, da falta de higiene encontrado nos locais insalubres e também por gases formados pela putrefação de cadáveres humanos e de animais.

Para melhor entender a teoria miasmática o médico Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, escreve em seu Dicionário de Medicina Popular, desenvolvido no final do século XIX, o mesmo é Polonês, ele dará a seguinte definição para miasma:

Tomando a palavra em sua accepção toda, consideram-se este titulo todas as emanções nocivas, que corrompem o ar e atacam o corpo humano. Nada há mais obscuro do que a natureza intima dos miasmas: conhecemos muito as causas que os originam; podemos apreciar grande numero de seus efeitos perniciosos, e apenas sabemos o que elles são. Submetendo-os a investigação de nossos sentidos. Só o olfato nos pode advertir da sua presença: não nos é dado toca-los nem vê-los. A chimica mais engenhosa perde-se na sutileza das doses das combinações miasmáticas: de ordinário, nada descobre no ar insalubre e mortífero que d’elles esteja infectado, e quando consegue reconhecer n’elle uma proporção insólita, ou a presença accidental de algum principio gazoso, não nos releva senão uma diminulissima parte do problema. (...) Dizemos, por conseguinte, a sua composição intima, e occupemo-nos de suas causas, efeitos e dos meios preservativos. Os miasmas fazem parte desse systema geral de imanações, que tem tão grande parte na natureza. Cada ente os recebe e os transmite reciprocamente. Nesta troca continua de elementos, operam-se as misturas, as separações, as combinações mais variadas. Em certos casos, nascem miasmas, espécie de venenos voláteis, invisíveis, impalpáveis, cujas fontes são

felizmente conhecidas e que podemos evitar ou destruir. As condições que favorecem os desenvolvimentos miasmáticos estão bem determinadas. Os pântanos oferecem-se em primeiro lugar. Ninguém ignora quanto são comuns, sobre o globo, as moléstias, e especialmente intermitentes benignas ou perniciosas que provem delles. Estes effluvios pantanosos, cujos insalubres efeitos sobem pela decomposição das matérias vegetaes e animaes, são sobretudo temíveis nos paizes quentes visto que a atividade da putrefação está na razão direta do calor. (CHERNOVIZ, 1862, p.1072).

Mediante a fala do Chernoviz (1862) fica claro que as primeiras contaminações surgem da decomposição das matérias vegetais e animais decorrentes dos pântanos, já no estudo proposto, temos os cemitérios e as igrejas como locais de contaminações, pois nos mesmos há decomposições de animais humanos, que passam a serem vistos como novos contaminadores do ar, capazes de causar doenças e até a morte por conta dos odores inalados.

Segundo Alain Corbin (1987) nos séculos XVIII e XIX, onde ele usa de diversos vocabulários para definir e tentar entender os miasmas;

[...] ninguém dúvida de que o ar tenha em suspensão as substâncias que se destacam dos corpos. A atmosfera-cisterna carrega-se com as emanações telúricas, com as transpirações animais e vegetais. O ar de um lugar é um caldo pavoroso no qual se misturam as fumaças, os enxofres, os vapores aquosos, voláteis, oleosos e salinos que exalam da terra, e, se for o caso, as matérias fulminantes que ela vomita, a morrinha que sai dos pantanais, os insetos minúsculos e seus ovos, animáculos espermáticos, e, muito pior ainda, os miasmas contagiosos que se elevam dos corpos em decomposição (CORBIN, 1987, p. 21).

Todas essas definições acima só podem ser percebidas através do olfato, pois só com o cheiro saberemos se o local é saudável ou mortífero, nesse período os médicos higienistas fazem de tudo para resolver ou ao menos amenizar esta situação. Para isto Corbin (1987) sugere medidas que deixem os ambientes mais e secos e garantam a ventilação.

João José Reis (1991) afirma que o melhor local para instalação dos cemitérios era afastados da cidade, locais onde havia uma maior circulação de vento e sem possibilidade de um grande contato entre vivos e mortos. Reis nos diz:

Para os médicos, a localização ideal dos cemitérios seria fora da cidade, longe das fontes d'água, em terrenos altos e arejados, onde os ventos não soprassem sobre a cidade. [...]. Além de murados, os novos cemitérios deveriam ser cercados por árvores que purificassem o ar ambiente (REIS, 1991, p.260).

Após a proibição dos enterros nas igrejas no século XIX, a partir de argumentos higiênicos de que os enterros nos cemitérios contaminavam o ambiente. Os discursos médicos mostravam a insalubridade dos locais em que os mortos eram enterrados e também como esses espaços eram focos de epidemias e exalavam fortes odores que incomodavam e infectavam os vivos. Assim o Reis (1991) relata que o médico brasileiro é visto como Herói Civilizador, e essa ideia estava atrelada a questão higiênica.

A lista de maus hábitos era grande e variada: a disposição do lixo nas vias públicas, a falta de escoamento das águas usadas, o alinhamento desordenado das ruas, a arquitetura inadequada dos prédios, os hábitos alimentares extravagante, a indisposição para exercícios físicos e para higiene pessoal. Na verdade, os médicos propunham uma verdadeira revolução cultural. Para alcançá-la, preconizavam a reorganização e racionalização de algumas instituições básicas, de doenças físicas e morais. (REIS, 1991, p.249)

Diante das leituras feitas entende-se que existem diferentes maneiras e atitudes do homem se relacionar com a morte, como podemos analisar autores que discutem o mesmo assunto em diferentes lugares como; Fortaleza-CE, Rio de Janeiro- RJ, Salvador- Ba e a referida pesquisa em Picos-PI. E com relação à mudança dos enterros das igrejas para cemitérios houve reações diferentes em cada estado, pois como já fora dito cada pessoa tem reações diferentes quando o assunto envolve o morrer, isso acontece devido aos costumes e crenças dos indivíduos.

Segundo Reis (1991) a Bahia foi o local que mais gerou revolta com a quebra deste costume tão tradicional de enterrar os mortos nas igrejas. Houve revolta contra o sistema dominante, os membros das confrarias religiosas não aceitavam a construção do Cemitério do Campo Santo que ficava fora da área Urbana. Os governantes acreditavam nos discursos dos higienistas de que enterrar dentro das igrejas era ir contra a salubridade pública. Com isso o povo se revolta porque de acordo com suas crenças a salvação da alma do morto dependia do enterro no interior das igrejas e da proximidade da religiosidade católica, pois para eles os templos eram as portas dos céus. Além disso, as irmandades religiosas também seriam afetadas visto que as mesmas eram responsáveis por cuidar do funeral e

alguns rituais de passagem, e com essa nova prática as mesmas também não ganhariam mais por este serviço.

Vale ressaltar que no século XIX Rodrigues (2005) também afirma que as pessoas preparavam diligentemente o seu funeral, os mesmos eram pomposos e contavam com o maior número de participante, pois o que mais se temia era chegar o dia da sua morte e não receber os devidos sacramentos religiosos, sacramentos que poderiam facilitar sua aceitação num possível plano celeste.

Já no Rio de Janeiro é importante frisar que Rodrigues (2005) gira em torno de um argumento principal que é o fato de a população ter aceitado os enterramentos fora dos limites da cidade, denominado extramuros, por ter sido convencida dos malefícios causados pelos odores e miasmas exalados dos corpos putrefeitos que eram enterrados dentro ou ao redor das igrejas locais.

No Ceará também essas ações partiam da parte de médicos higienistas apoiados pelo governo com relação à construção dos cemitérios, pois as condições de higenes estavam péssimas, tanto nas ruas, como nos locais fechados, com isso estava acontecendo muitas reclamações principalmente na igreja, pois uma das três igrejas que havia em Fortaleza se encontrava em reforma com a isso a Igreja do Rosário estava bem apertada para quantidade de fiéis, assim segundo a historiadora Carla Oliveira (2007) causando muitos transtornos por causa do “odor dos corpos em putrefação e exposição dos restos mortais”. Devido a esses acontecimentos os médicos sugere a construção de cemitérios afastado do centro da cidade e assim em 1848 é construído o primeiro Cemitério de Campo- Santo de São Casimiro encerrando assim os enterros dentro das igrejas.

Com relação à construção do Cemitério São Pedro de Alcântara em Picos- PI, pode-se dizer que foi algo desejado pela população, pois no início da formação da cidade existia apenas uma igreja pequena que é a Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, erguida entre os anos 1827 e 1830 pelos portugueses Borges Leal e Borges Marinho se constituindo assim o prédio mais antigo da cidade. Diante disso pode-se perceber que a construção da Igreja se dá durante o século XIX, assim existem poucos túmulos no interior da mesma é o que nos relata a Maria Oneide Fialho Rocha (2017). Neste mesmo período foi construído um cemitério dentro da cidade que segundo o Economista Renato Santos Duarte em seu livro “Picos: os verdes anos cinquenta” ficava na Rua Abílio Coelho, nos trechos correspondentes as construções de nº 146 a 160, mesmo desativado o prédio existiu até a década de

1940. “foi demolido em 1947 para dar lugar à construção de um prédio comercial” (DUARTE, 1991).

E o motivo do mesmo ter sido desativado foi o crescimento da cidade, com isso o cemitério estava ficando colado aos muros residenciais e por questões higiênicas o prefeito que também era médico decidiu construir bem distante da cidade que é o então São Pedro de Alcântara, construído em 1901 levando em consideração as informações acima nota-se que não houve resistência em relação aos enterros serem feitos agora em espaços fora da cidade, uma vez que foram poucas pessoas enterradas na igreja.

No ano de 1948 em primeiro de Outubro foi iniciada a construção da atual Igreja Catedral de Nossa Senhora dos Remédios pelo Padre José Ignácio de Jesus Madeira e em 1º de janeiro de 1969 foi feita a benção solene. Em 15 de Agosto de 1976, foi dedicada Igreja Catedral de Nossa Senhora dos Remédios pelo então Núncio Apostólico do Brasil, dom Carmine Rocco. Em homenagem ao Padre madeira como era chamado carinhosamente pelos féis, o mesmo foi enterrado na catedral é o que relata Francisco Rodrigues Ibiapino em seu trabalho “TÁ VENDENDO AQUELE EDIFÍCIO MOÇO? AJUDEI A LEVANTAR! Memórias da edificação da Catedral Nossa Senhora dos Remédios”

A obra que o religioso coordenou serviu posteriormente para sua morada eterna. O padre Madeira foi velado na catedral e sepultado onde hoje está localizada a sala do dízimo no interior da igreja, como uma maneira de agradecimento do povo picoenses pelos serviços prestados a comunidade, em especial a coordenação da edificação do templo de Nossa Senhora dos Remédios (Ibiapino, 2012, p. 74).

De acordo com o relato abordado acima se entende o motivo pelo qual o Padre Madeira foi enterrado na catedral os demais corpos são enterrados em Cemitérios, prática essa que foi bem comum e de boa aceitação na cidade de Picos-PI. Por tudo que já foi mencionado entendemos que a construção do cemitério São Pedro de Alcântara na cidade, também se deu por questões higiênicas e com o intuito de afastá-lo do centro, devido ao crescimento populacional.

1.2 O cemitério na perspectiva do regulamento de 1901

Para melhor referenciar o trabalho a seguir, analisaremos os documentos que são o Regulamento do cemitério que diz como o mesmo deveria funcionar, os Registros de óbitos que datam de 1943 a 1948, onde trazem informações como: nome do morto, sexo, idade, estado civil, cor, nacionalidade, naturalidade, profissão, data do óbito, filiação, domicílio, lugar do óbito, data do enterramento, causa da morte e um espaço para as observações. Estes documentos se encontram no museu da referida Cidade o Ozildo Albano, nos dando subsídios para melhor entendermos o contexto da pesquisa sobre cemitérios em Picos.

Um dos documentos é um livro intitulado “Código de postura de Picos”, neste mesmo existem variados regulamentos, inclusive o que nos interessa no momento que é o do Cemitério. O mesmo foi criado em 1901 e traz uma parte de como deveria funcionar o cemitério, os relatos estão no capítulo XII e distribuídos em 15 artigos, que vão do artigo 63 ao artigo 78.

Como já foi citado outrora, o cemitério em questão é público e segundo o regulamento este seria administrado por um zelador administrador ou qualquer outro empregado que fosse designado pelo conselho, recebendo gratificação para isto. Esta pessoa que cuidava do local também era responsável por dar o risco das sepulturas, observando a regularidade no alinhamento, pois a dinâmica do cemitério tinha que formar ruas da porta ao fundo e obedecer a um espaço de $\frac{1}{2}$ metro de uma à outra.

Outro aspecto interessante sobre o código que me chamou bastante atenção foi o fato das sepulturas serem divididas em duas “classes”: as de 1ª classe seriam as do cruzeiro para o fundo; e as de 2ª classe seriam do cruzeiro para a porta, e baseado neste artigo do regulamento, mais tarde falaremos sobre as desigualdades sociais existentes no cemitério, onde o mesmo deverá ser o lugar descanso e onde todos são iguais, todavia, na prática verificaremos visíveis diferenciações. Com base no que foi dito acima nos faz lembrar que no século XIX, quando os enterros eram realizados nas igrejas não existiam diferenciações, onde pessoas de qualquer condição social podiam ser enterradas na igreja, contudo existia uma hierarquia do local e do tipo da sepultura. “Uma primeira divisão se fazia ente ao corpo, parte mais interna do edifício, e o adro, a área em sua volta. A cova no adro era tão

desprestigiada que podia ser obtida gratuitamente. Ali se enterravam escravos e pessoas livres muito pobres” (REIS, 1991, p.175).

O conselho responsável pelas normas vigentes tinha direito às catacumbas, sendo construídas pela prefeitura, podendo ainda cobrar pelo arrendamento das mesmas. Este arrendamento poderia ocorrer de duas maneiras, de maneira perpétua ou temporária, ambas com valores diferentes. A perpétua, como o próprio nome já diz, era definitiva e a temporária era por um curto espaço de 4 anos, também era permitido arrendar as sepulturas simples, sob o regime perpétuo e temporário. Havia ainda sepulturas grátis para os cadáveres que fossem encontrados e não houvesse ninguém para reclamá-los, para os mendigos e pobres mediante um atestado assinado pelo presidente do conselho ou qualquer autoridade policial.

Ainda era de responsabilidade do zelador, manter todas as sepulturas em ordem, não permitir que fizessem catacumbas a não ser encostadas nas paredes dos cemitérios, a não ser que houvesse uma ordem superior, além do cuidado com o asseio e limpeza, mandando varrer e capinar por dentro e por fora e sempre abrir o cemitério com prontidão diariamente, cuja chave estaria sempre em seu poder. O zelador tinha a obrigação de escriturar um livro que era concedido pelo conselho e registrar as informações dos cadáveres com o nome, dia, mês, ano e sua inumação, se em sepulturas ou catacumbas, e ainda se esta foi arrendada temporária ou perpetuamente e por quem. Contudo ao adentrar no cemitério hoje em dia é possível perceber que essa prática não funciona mais, em relação à ordem dos túmulos está uma verdadeira bagunça. No entanto essa bagunça aconteceu por conta das transformações pela qual passou, pois desde a criação já houve três reforma para extensão do mesmo, e ultimamente ele já está sem espaço.

Ainda competia ao responsável zelar pelo respeito e acatamento devido ao morto, evitando qualquer tipo de profanação dentro do cemitério. Ele ainda tinha que ter cuidado em só entregar à sepultura quando primeiro lhe fosse apresentado a certidão de óbito, pois a mesma deveria ter passado pelo oficial do registro civil e reconhecimento de pagamento do imposto de sepulturas, ou então o atestado de gratuidade no caso da pessoa ser indigente.

1.3 Registros de Óbitos: fonte histórica para os estudos cemiteriais

Um aspecto interessante a se destacar nos registros de óbito é a causa da morte, pois assim será possível notar as causas mais comuns que assolavam a população picoense e até os municípios vizinhos, assim como o fato de que neste período se falava muito do “mal levantino”, que era a facilidade que algumas doenças tinham de adentrar em outros municípios, e observando as causas de morte percebemos ranços de algumas doenças de outro período.

É importante salutar que antes do advento do discurso, pautado na medicina científica já havia a medicina empírica. Na obra “Apontamentos para a história Cultural do Piauí” o autor Luíz Ayrton Santos Júnior irá apontar que diferente das profissões que conhecemos hoje, a prática médica já é bastante antiga. Algo interessante sobre esta informação é que a religiosidade está intimamente ligada aos aspectos da cura, as pessoas de fé se curam com mais facilidade, ou pelo menos encara a morte como algo comum a todos. “A oração é um bom suporte ao médico para conseguir fortalecer as defesas de seu paciente, tanto do ponto de vista físico como emocional” (JÚNIOR, 2003).

A chegada da medicina irá contribuir para melhorar e manter os bons costumes, ao analisarmos alguns documentos oficiais do Estado do Piauí, com o interesse de saber quais os principais problemas relacionados à saúde no estado nas primeiras décadas do século XX, percebe-se que no início do século a figura do médico ainda era um personagem escasso nessas regiões, pois ainda estava começando a se inserir na vida cotidiana do piauiense. É somente no início da República que vai haver uma preocupação por parte dos políticos e médicos de várias cidades do Brasil com a criação de órgãos que tratem de questões de higiene e salubridade, pois os governantes visavam ter uma cidade e sociedade saudável.

Para se falar em causa de morte faz-se necessário entendermos um pouco da saúde, voltando um pouco ao final do século XIX a Saúde Pública estava insatisfatória, segundo o Relatório de Província do Presidente Vieira da Silva em 1889:

Não é satisfatório o estado sanitário da província. Grassam com intensidade, nesta capital, nas cidades de Amarante, Oeiras e Parnahyba, e nas vilas da união, Humildes, Marvão, Picos, jaicós, calbarraes, ceifando não pequeno numero de victimas. Também

desenvolveu-se na capital e em algumas outaras localidades, a epidemia do sarampo, que tem assolado a população, fazendo também muitas victimas. O inspector de hygiene publica, Dr. Raimundo de Arêa Leão lembra no seu relatório, que encontrará V. Exc. Nos annexos, as medidas hygienicas a tomarem-se no sentido, ao menos, de melhorar o estado sanitário da capital. Ao mesmo concedi um mez de licença para tratar de sua saúde, nomeando para substituí-lo interinamente o Dr. Marcos Pereira de Araújo. (Relatório de Provincia, 1889, p.23).

Verifica-se por meio desta citação que já existe uma preocupação da parte do Presidente de Província com relação à saúde pública. No início do século XX o Piauí foi marcado por surtos de doenças como a Varíola, febre amarela e outras, marcando a memória dos piauienses. Com isso, surgem as políticas de saúde pública em Teresina, pois mesmo com a vacinação a população teresinense ainda sofria receios. Surge em 1939 a implantação de um novo Código de Posturas Municipal que tem como objetivo regularizar muitas atitudes e condutas da cidade. Segundo o artigo 113 e parágrafos 1º, 2º, 3º e 4º do Código de Posturas higiênicas que proibia certas atividades como:

Estender roupas ou outros objetos a enxugar ou arejar, limpar vasilhas, escamas ou tratar peixes; matar ou pelar animais. Ferrar, sangrar ou fazer qualquer curativo o qual o animal exceto em caso de urgência; lavar madeira; desencaixotar mercadoria; cozinhar, torrar café; estender couros; sacudir tapetes, esteiras ou coisas semelhantes; lançar nas ruas, praças ou jardins públicos e terrenos baldios papéis, vidros, imundices, águas servidas, objetos imprestáveis, animais doentes ou mortos; estender, colocar tapetes, capachos, roupas etc., nas sacadas e janelas que sejam visíveis em vias (DIÁRIO OFICIAL, 1939:04).

A saúde em Picos também andava fragilizada, principalmente em 1918 com a terrível e destruidora Gripe Espanhola, gripe esta que vitimou centenas de pessoas na cidade, e era mais severa que a gripe comum, mas tinha os mesmos sintomas iniciais como garganta dolorida, dor de cabeça e febre. Era comum em muitos pacientes que a doença progredisse para algo muito pior do que espirros, pois calafrios intensos e fadiga vinham acompanhados de fluido nos pulmões.

Ao conversar com o senhor Dimas Leopoldo Lélis lembrei-me do mal levantino que já falamos outrora ele disse que estava acontecendo

uma festa nos arredores da Praça Félix Pacheco quando chegou um homem a cidade e falou que tinha uma carta para entregar a uma mulher e tinha que ser naquela noite e só podia ser entregue a dona, assim ele foi até o local da festa e entregou, mas quando ele abriu a carta todos que estavam na festa ficaram doentes, com isso diziam que a gripe espanhola tinha chegado a picos em uma carta. Ele conta que foi um surto devastou e deixou a cidade em estado de calamidade. O mesmo ainda se emocionou ao contar que a cidade hoje é outra bem desenvolvida em relação ao início do século XX e que conta com excelentes profissionais de saúde (Dimas Lélis).

Com relação ao que foi dito acima a população tinha muito medo de adquirir a doença, viviam de portas trancadas. O padre Monsenhor João Hipólito de Sousa Ferreira, o então padre da cidade não abandonou seu rebanho nos momentos difíceis, mas socorreu seus queridos paroquianos durante a terrível epidemia, ora a pé, ora a cavalo, de dia e de noite, na cidade e no interior levando conforto material e espiritual, os demais tinham muito receio em prestar ajuda aos doentes, pois tinham medo de se contaminarem.

Outro fator interessante sobre a documentação é que 40% dos registros não tem a causa da morte, isso ocorria devido à ausência de médicos e de profissionais capacitados a darem o diagnóstico da morte. As causas que mais acometiam a população eram doenças como; Infecção pulmonar, bronquite capilar, tuberculose pulmonar, anemia grave, pneumonia, febre tífica, tétano, colapso cardíaco, sarampo, febre tifóide, apendicite, hemorragia cerebral, miocardite crônica, bronquite, nefrite crônica, sífilis e difteria. Essas doenças citadas acima eram as mais frequentes nas causas de mortes, assim percebe-se que muitas delas se tratadas corretamente não causaria a morte.

Fazendo referência ainda às doenças, vale ressaltar que o maior número de óbitos que acontecia no recorte analisado acometia as crianças de 0 a 10 anos e as causas mais recorrentes da morte eram tuberculose pulmonar, bronquite capilar, difteria, bronquite, sarampo e febre tifoide. A falta de médico e atenção devida à saúde nesta época também é um dos fatores que contribuíam para mortes, uma vez que algumas das causas não eram consideradas doenças graves, mas sim doenças preveníveis, e isso aconteciam por que as gestantes não tinha acompanhamento no decorrer da gravidez. De acordo com a Luciana Monteiro Vasconcelos Sardinha ela relata abaixo, quando se realiza procedimentos adequados diminui as taxas de mortalidade infantil.

Acesso oportuno à atenção à saúde de qualidade no momento do parto facilita o manejo adequado de problemas da mãe e da criança, especialmente no caso de gravidez de alto risco, com comorbidades, e/ou na ausência de pré-natal adequado. A organização da rede de atenção à gestante, com fluxo previamente estabelecido de referência e contra-referência dos serviços, atenção redobrada para aquelas gestantes de alto risco, parto humanizado e seguro, certamente contribuem para a redução das mortes infantis, especialmente as precoces (SARDINHA, 2014, p. 23).

Com base no que já foi analisado, nota-se que a ausência de médico no início do século trabalhado era um fator contribuinte a morte das crianças. Pesquisando mais sobre a saúde da criança, entende-se que não era somente em Picos que estava ocorrendo altos índices de mortalidade infantil, e será só no período do Estado Novo (1937-1945) que a mesma irá ganhar uma atenção especial no Piauí, neste momento também será criada a proteção materno-infantil, pois antes não se tinha planejamento político para esta área, e nem uma administração que se preocupasse com isso, além de que os recursos financeiros eram mais escassos. No artigo “A ASSISTÊNCIA À SAÚDE MATERNO-INFANTIL NO PIAUÍ (1937-1945)” da Historiadora Joseanne Zingleara Soares Marinho ela diz que:

As políticas públicas voltadas para a construção e reformulação de hospitais e de postos de higiene, bem como para a ampliação da oferta de atendimento à saúde e atuação das enfermeiras visitantes, foram ações que surgiram para desenvolver e fornecer a saúde pública para a população em geral, entretanto, percebemos a preocupação específica em tornar prioritários os serviços de saúde que amparavam as mães e seus filhos. Tais mudanças ocorridas no Piauí estavam em consonância com o ideário do governo central que defendia as crianças como as responsáveis pelo progresso do Brasil em um futuro próximo. No entanto, foi possível verificar que as políticas públicas de saúde tanto em seu caráter mais amplo, quanto no que se refere ao atendimento materno-infantil, estavam presentes apenas nos municípios mais desenvolvidos do estado, e mesmo assim, funcionavam de forma bastante deficitária. Além disso, a implementação dessas políticas de saúde convivia com práticas de medicina popular, bem como com a atuação das parteiras, fato que gerava uma complexidade das práticas dos sujeitos envolvidos nesse processo e também contribuía para problematizar a execução das ações dos governos na área da saúde. (MARINHO, 2012, p. 13-14)

O Piauí não tinha um espaço reservado para atender as gestantes com serviços como de pré-natal e quando chegava a hora do parto o mesmo era feito em

instituições que atendiam todos os tipos de doenças. Teresina a Capital do Estado, por exemplo, não tinha maternidade, pois só em 1939 é que há um projeto para construção de um hospital deste tipo. Em 1942, será o marco para o início dos serviços de organização hospitalar no Piauí, devido ao funcionamento do hospital Getúlio Vargas que era a maior realização do governo Vargas no Piauí. Nesse sentido é relevante um trecho da fala da Joseane Marinho:

Esse instituto tratava-se de uma autarquia administrativa que orientava e dirigia todos os serviços de atendimento hospitalar do Estado. No Hospital Getúlio Vargas funcionavam ambulatórios, enfermarias com total de duzentos e cinquenta leitos, laboratório de pesquisas clínicas e exames histopatológicos e pronto-socorro, além disso, contava com um pavilhão de pediatria e um serviço de clínica obstétrica, onde era realizada “[...] a vacinação regular dos recém-nascidos pelo B.C.G, iniciativa, como se compreende, do maior relevo na proteção da criança e na luta anti-tuberculosa, e que agora é posta em prática em nosso estado.” (MARINHO, 2012, p. 10)

Após uma breve análise de como andava a saúde da criança no Piauí, entende-se o porquê de haver um alto índice de mortalidade infantil de 1943-1948 em Picos-Piauí, uma vez que Teresina capital não dava condições favoráveis para o nascimento de crianças e a situação em Picos ainda era mais precária, devido ainda ser pequena e de caráter rural. O médico mais antigo em atuação na cidade de Picos, Oscar Eulálio, chegou em 1955, nesta época aqui existia apenas um laboratório de análises clínicas e poucos médicos, quando tratou de montar o seu hospital. Em 1956, iniciou a construção da Casa de saúde e Maternidade Nossa Senhora dos Remédios, como é perceptível a pesquisa trata da década de 40 e com isso nota-se que a medicina ainda não assistia a população como deveria.

Sobre a documentação estudada no referido trabalho, é interessante trazer que dos 1.149 registros de óbitos analisados 60% era Agricultor/Lavrador, 30% Domésticas. Entendem-se tais dados, devido a Picos ter como principal destaque a área comercial, a produção de gêneros agropecuários, alho, cebola, sabão, cigarros, cera de carnaúba, arroz, dentre outros produtos, que caracterizam a relação existente entre o meio urbano e rural. Os outros 10% correspondiam às outras profissões recorrentes como; artistas, jornalista, professor, funcionário público, sacerdote, meretriz, mendigo, comerciante, carpinteiro, porteiro, esmoler, engraxate, dentista, parteira e proprietário. Analisando os dados acima, nota-se que

até este momento a população era simples, e de acordo com as profissões analisadas percebe-se que eram pessoas de classes sociais médias e baixas.

Sobre a origem dos falecidos, a maioria era de nacionalidade brasileira, apenas dois casos estrangeiros foram encontrados uma senhora da Itália e um Sacerdote da Alemanha. A naturalidade também é 90% de piauiense os demais eram de algumas cidades do Nordeste como Ceará, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Maranhão. Todos os enterramentos estudados eram domiciliados em Picos, exceto um caso que o falecido residia em Teresina e faleceu em Picos, os demais faleciam aqui ou nos interiores da cidade, o fato dos mesmos falecerem em terras picoenses também se deve a estrutura da cidade, pois até então aqui não havia hospitais.

2. CAPÍTULO- Cemitérios: construção histórica e social

Uma das grandes transformações do século XIX nas cidades brasileiras, foi a retirada dos mortos do espaço cotidiano e sagrado dos vivos e esta retirada faz parte de um discurso social, político e urbanístico mais amplo, que buscou civilizar costumes, como também alterar o espaço urbano de uma forma mais abrangente (CYMBALISTA, 2002, p. 53).

De acordo com a afirmação do autor Renato Cymbalista (2002) nota-se que o cemitério é para além de uma simples construção, os cemitérios agora ocupam um espaço físico, onde no decorrer da história tem ganhado novas formas de apropriação do espaço, antes, visto como um espaço público com objetivo voltado apenas para guardar e sepultar corpos, onde as visitas eram ligadas apenas para o enterro ou rituais fúnebres, como visitas, missas e rituais religiosos.

Agora nas últimas décadas, esse espaço ultrapassa esses rituais religiosos, e o uso desse espaço passa a ser utilizado de distintas formas, representando também como um lugar de construção e manutenção de memória, seja particular ou coletiva, atualmente o cemitério exerce também a função de preservação da memória de uma determinada sociedade através das suas representações simbólicas.

O cemitério São Pedro de Alcântara, fundado em 1901 se caracteriza como fonte principal desta pesquisa. Para além do mesmo temos os registros de óbitos que se constituem também como fontes primordiais. Este por sua vez se encontra ativo, e é o cemitério principal da cidade, neste capítulo faremos um estudo sobre o uso do mesmo, e a análise de alguns túmulos antigos referente ao nosso recorte, também analisaremos alguns túmulos infantis, tendo em vista que no período estudado houve uma alta taxa de mortalidade infantil, isso será feito a fim de identificar a existência de diferenciação social, e de como a memória dos mortos está preservada.

É fato que a temática aqui trabalhada é envolvida de várias superstições e mitos, mas faz-se necessária a importância do mesmo, para que através de

trabalhos como esses possamos compreender situações nas quais pretendemos estudar.

Para muitos pode soar estranho o fato de se pensar este local como algo próprio para ser estudado, porém a historiadora Elisiana Trilha Castro (2009) afirma que o Cemitério também se constitui como um espaço de pesquisa, e não apenas como lugar do fim ao dizer que:

Para muitos, o cemitério é apenas o lugar do fim, da despedida, da tristeza e da saudade, e a possibilidade de pensar em um cemitério como tema de pesquisa pode soar como impróprio ou mesmo incômodo. Tal desconforto em muito se relaciona com o modo como tratamos a morte e aqueles que são tocados por ela nos dias atuais: com o isolamento e silêncio constrangido que muitas vezes rouba a palavra quando estamos diante de alguém que perdeu um ente querido (CASTRO, 2009, p.1).

De acordo com a historiadora Marcelina das G. Almeida (2007), o cemitério é visto com um espaço múltiplo, como de culto aos mortos, preservação de memórias, sentidos e significados e várias simbologias é o que ela afirma.

O cemitério é um lugar simbólico. Os túmulos, mausoléus, a arquitetura e estatuária tumular traduzem ideias, sentimentos e valores acerca do culto aos mortos, da preservação da memória dos antepassados, em como exprimem as expectativas e confrontos experimentados pelos vivos (ALMEIDA, 2007, p.35).

Os cemitérios que surgem com o objetivo apenas voltado para rituais religiosos ganha uma nova forma de apropriação com o tempo. Os usos do seu espaço, a representação simbólica que este tem com a cidade sofre ao longo da história algumas transformações. O cemitério pode ser entendido como um objeto para estudar a cultura, os valores de uma determinada sociedade em seu tempo historiográfico. É em si, um lugar que ultrapassa os concretos, invadem as sensibilidades, sentimentos e emoções daqueles que vão relembrar seus entes queridos.

2.10 Cemitério São Pedro de Alcântara: aspectos gerais



Imagem 1: Entrada Principal do Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.



Imagem 2: Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.



Imagem 3: Entrada lateral no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

Ao analisarmos imagem 1 que é a entrada principal, percebemos que o cemitério São Pedro de Alcântara, se constitui como um espaço público, o mesmo tem uma placa identificando que pertence a Prefeitura Municipal, para além da placa também observamos a parede pintada com a mesma identificação. A imagem 2 tem o objetivo de nos mostrar que nesta parte inicial do cemitério não há organização nos túmulos, estão todos misturados, não tem como as pessoas andarem direito pois não há saídas entre os mesmos.

Já a imagem 3 é relacionada a entrada lateral, que dá acesso a parte central do cemitério onde é realizada as missas, esta parte foi construída na década de 1970, pois o mesmo passou por três extensões como falaremos mais no decorrer do trabalho. Nesta imagem percebe-se que há uma organização, as filas bem estruturadas, essa maneira com qual o sujeito se relaciona com o cemitério e como faz usos de seus espaços e isso passa por todo um processo de articulação para que haja uma melhor forma para locomoção de pessoas.

Através destas divisões é que podemos pensa-lo como um espaço urbano. Dentro deste não há separação no sentido de isolamento entre túmulos, eles são

construídos em aglomerações, mas há uma organização desse espaço. Toda essa forma de pensar o lugar, a maneira como o cemitério São Pedro de Alcântara se organiza estruturalmente, no sentido dos espaços e apropriação deste, e como se configuram e dá um sentimento de significado e pertencimento para aqueles que o frequentam.

No cemitério estudado pode-se perceber a composição de diversas temporalidades, através das datas inseridas nos túmulos, da organização estrutural e também dos materiais utilizados na construção ao longo dos tempos, mas no presente trabalho iremos trabalhar com os túmulos mais antigos, pois os mesmos estão dentro do nosso recorte temporal que se dá de 1901 da construção até 1948, data dos últimos registros de óbitos encontrados.

O túmulo por sua vez tem o seu significado especial dos vivos para com seus mortos, ele é o registro da sua memória, e com o passar do tempo esta memória vai se tornando mais viva, pois os familiares vão adornando e deixando cada vez mais parecido com a trajetória de vida do moribundo. Castro afirma que a morte encerra as preocupações, e até os sonhos, e é por isso que boa parte das famílias tenta continuar a vida de seus mortos em sua nova casa, no caso o túmulo.

A sepultura que guarda o corpo, a terra que o cobre, o túmulo que lhe dá o descanso, o epitáfio que dá identidade e registra a saudade: eis o cemitério. Lugar de muitas crenças e descrenças, este ainda faz parte de diferentes expressões do sagrado, lugar de respeito, mesmo para aqueles que não esperam o Juízo Final. Independente das crenças existentes em torno da morte, em várias sociedades e culturas os cemitérios representam a vulnerabilidade da vida humana e, por maior que seja a crença em continuidades, novas vidas, outras vidas, a morte encerra muito das preocupações humanas, mostrando que muito do que foi planejado, pensado, não tem mais o seu por quê (CASTRO, 2004, p.51).

Com isso entende-se que o túmulo é uma forma de assegurar a permanência e a memória neste espaço de saudade e apego. Cada túmulo tem sua identidade, e muitas das vezes mostrando a importância social de quem está ali enterrada veremos as afirmações acima no decorrer das imagens aqui inseridas.



Imagem 4: Túmulos com grades no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.



Imagem 5: túmulos com grades no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.



Imagem 6: túmulos com grades no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

Algo interessante que foi percebido durante as visitas ao cemitério, e que podemos perceber nas imagens 4, 5 e 6 fotografada de diferentes espaços no cemitério vale ressaltar que em todos eles há a existência de muitas grades ao redor dos túmulos. Além de proteger a memória do falecido que é exposta na construção do túmulo, essas grades também servem para proteger os túmulos de alguns furtos que acontecem, e para proteção dos estragos causados pelo sol e chuva. Na imagem 5 percebe-se que o túmulo de cerâmica branca mais parece a frente de uma residência humana, o mesmo tem telhado, cerâmica nas paredes e portões de boa qualidade.

Além das grades muitos túmulos obedecem ao formato de uma casa de morada dos vivos, onde a mesma existe a proteção com grades, e até portões, nestas não é possível ver o túmulo de tão bem guardado que está. Em algumas deste formato estão todos os pertences do morto, ou seja, essa é uma forma de preservar a intimidade do falecido. A imagem 6, para além das grades é possível notar que é um túmulo bem adornado com jarros e coroas de flores, observamos

que existe um banco, o mesmo serve para as pessoas sentarem em dias de visitas aos seus falecidos, com isso entendemos que este espaço é preparado para receber os vivos.

Quando analisamos o regulamento do cemitério em questão, que diz como o cemitério deveria funcionar, e nos deparamos com estrutura física de hoje percebemos que nem tudo foi obedecido.

A primeira coisa que se percebe é que se houve a existência de um zelador, ou administrador o mesmo não fez o registro dos túmulos corretamente, pois a maior dificuldade que sentimos em relação à construção deste trabalho, foi por conta da ausência de documentação. A prefeitura como responsável por este prédio infelizmente não guarda nenhum registro.

O responsável também deveria cuidar da organização física, dando o risco na cavação de sepulturas, obedecendo à distância de $\frac{1}{2}$ metro de uma à outra e como foi visto nas imagens acima é que as covas estão umas em cima das outras, e isso se deu devido à quantidade de defuntos que iam morrendo, e o pouco espaço para colocá-los.

Em visitas ao espaço estudado é possível perceber que o cemitério passou por três extensões, num primeiro momento estão os túmulos mais antigos com uma estrutura física de tijolos queimados, onde não se tem uma organização das covas, já o outro espaço, o centro por assim dizer, onde existe a realização de missas em datas comemorativas como dia de finados, o espaço é mais organizado da para ver as covas em fileiras o material usado nas construções já é o mármore, a cerâmica e o granito, mas a última extensão é mais abandonada, os túmulos são mais simples.

O regulamento diz que não poderia fazer catacumbas, a não ser encostadas nas paredes, mas o que se vê é cada construção uma mais bela que a outra. E com isso muitas covas que não goza de um prestígio são sucumbidas pelos mais nobres jazigos.

Ainda competia ao zelador escriturar um livro como o nome do falecido dia, mês e ano da morte, se o mesmo foi sepultado em catacumbas ou em sepulturas, se era arrendada temporariamente ou perpetuamente e por quem, no entanto esses detalhes não foram levados a diante, pois hoje em dia existe uma dificuldade em obter informações juntamente a Prefeitura sobre o referido cemitério neste período.

Sobre o uso ainda se faz necessário relatar que em virtude do grande número de sepulturas e mausoléus hoje em dia não tem como conseguir um espaço para enterro neste cemitério, a não ser os que possuem espaços comprados, como é o caso das famílias mais nobres da cidade que antes de morrer já tem o seu espaço demarcado.

Este cemitério que estamos estudando também é conhecido como Cemitério dos ricos e o Jardim da Eternidade que fica no Bairro Exposição como cemitério dos pobres, justamente por isso, os ricos demarcaram seu espaço antes de morrer, o que implica dizer que o cemitério pode ser chamado de casa dos vivos. Pois foi o que se pode perceber devido à existência de túmulos prontos, mas sem defuntos ainda.

O mais interessante de se falar é que em alguns casos para isso acontecer muitas covas foram sucumbidas, como já fora falado anteriormente elaborar um túmulo proteger com grades pode ser visto como uma forma de demarcação de território, pois não há como outro invadir, mas as primeiras covas que eram das pessoas carentes com tempo se acabaram. E com isso perdeu-se o espaço, diante de tudo que já foi mencionado isso nos faz pensar e entender, que a memória do rico é preservada e a memória do pobre é esquecida, já que o mesmo não tem condições financeiras para expor em uma arte fúnebre.

2.2 Os túmulos de 1901 a 1948: distinção social através da arquitetura tumular

Nesse sentido, e para além das distinções estabelecidas através das diferenciações sociais, podemos pensar que o espaço do cemitério também passou a ser dividido a partir da construção dos túmulos, que por sua vez, identificavam e separavam por mais que estivessem no mesmo local os falecidos através das condições financeiras, isto é, da classe socioeconômica. Tais aspectos podem ser visualizados de uma forma mais clara, através das imagens que registramos.

Seguindo essas prerrogativas, sabe-se que os espaços e os elementos que estão inseridos neles, funcionam como campos semióticos, onde existem representações e significados. Nesse sentido, entende-se que o cemitério também se configura enquanto um espaço que possui diversos significados, cujo destacaremos as representações visíveis presentes no cemitério São Pedro de

Alcântara, em Picos. Antes disso, vale ressaltar que os túmulos desse cemitério não são organizados pelas diferenciações encontradas neles, não há um lado destinado ao rico, nem outro ao pobre, mas estão todos misturados. O diferencial se dá, necessariamente, em como foi elaborada a arquitetura. Como podemos observar nas imagens a seguir.



Imagem 7: Túmulo antigo no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

Como podemos ver, o túmulo da imagem 7 é um dos inúmeros pertencentes ao cemitério São Pedro de Alcântara. Através de nossa análise, percebemos o quanto esse túmulo é desprovido de uma arquitetura mais elaborada, essa observação é possível ser feita devido aos materiais usados na construção do túmulo, este é apenas um amontoado de barro sem identificação, onde podemos caracterizar como simples em relação aos demais, nos revelando a possibilidade de ser pertencente a uma pessoa de poderes aquisitivos baixo, que por sua vez, também possuía uma família que não tinha condição financeira para que pagasse um túmulo provido de material resistente.

Nesse sentido, entendemos que esse cemitério se estabelece como um lugar que não possui uma organização, no sentido divisório, entre as raças e classes socioeconômicas. Tais separações se estabelecem entre os emaranhados dos túmulos, cujo alguns mais bem elaborados estão ao lado de túmulos desprovidos de cuidados e com uma arquitetura que não possui as mesmas características dos túmulos de pessoas com melhores condições financeiras. Na imagem a seguir, poderemos observar esses contrastes nesse espaço, e como eles podem falar e revelar as divisões sociais no mundo dos mortos.



Imagem 8: Túmulo moderno no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

Nessa outra imagem de numero 8, podemos observar claramente a diferença desse túmulo e de sua arquitetura com relação ao da imagem anterior. Desse modo, compreende-se que existe uma necessidade, para as famílias que possuem mais condições, de elaborar um túmulo que seja mais sofisticado, que por sua vez, deve também ser zelado e bem organizado, essas famílias pagam diariamente pela limpeza dos túmulos.

Seguindo esse raciocínio, entendemos que a estética do túmulo não se estabelece somente no sentido simbólico, que represente o carinho dos entes

queridos para com o falecido, mas essas representações se estendem como algo que possa ser visualizado pelos demais, como uma demarcação de território que possui um valor social.

Levando em consideração esses aspectos, torna-se evidente que as elaborações estruturais dos túmulos podem ser analisadas como demarcadores sociais, que pontuam um lugar representativo, onde define bem as famílias locais que possuem mais condições, e as que são mais desprovidas de poder aquisitivo.

Algo interessante de se relatar é que os registros de óbitos analisados são de (1943-1948) e houve uma dificuldade em encontrar os túmulos de falecidos referentes ao registro de óbito. Nesse sentido, entende-se que as dificuldades de encontrar esses túmulos se dão pelo fato de que muitos estão sem identificação, ou não foram bem cuidados, levando-nos a não ter informações mais aprofundadas.

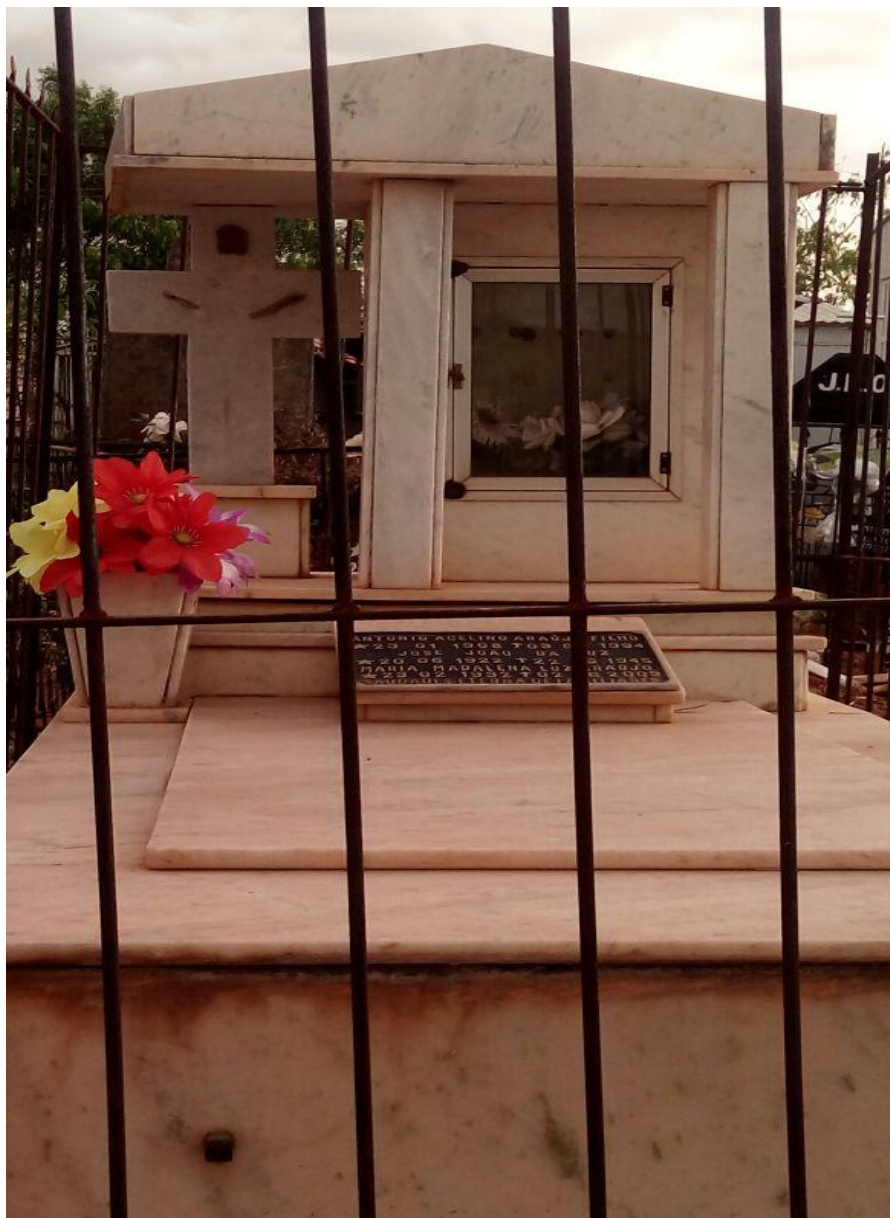


Imagem 9: Túmulo no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

Como podemos observar, tem-se na figura logo acima um túmulo familiar, onde três pessoas encontram-se sepultadas. Entre elas, está José João da Luz, falecido em 22 de junho de 1945. Os demais enterrados também são da família Luz e Araújo, que são bastantes conhecidos aqui na cidade de Picos. Desse modo, fomos conferir o nome de José da Luz nos registros de óbito, o mesmo está registrado. Nesse sentido, existem poucos exemplos, compreendemos que existe uma compatibilidade entre esse túmulo bem organizado, com uma estrutura boa, até mesmo porque ele é de família considerada com boa situação financeira aqui na cidade. No entanto, é necessário vermos a imagem a seguir, para que possamos aprofundar ainda mais a nossa análise.



Imagem 10: Túmulo no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

O túmulo que logo vemos acima na imagem 10 é de 02 de abril de 1946, onde está enterrada Rita de Sousa Varão. No documento de registro de óbito, consta que a mesma tinha 34 anos, casada, brasileira, doméstica. Como podemos ver, tem-se aqui um túmulo que em relação à imagem 9 não foi zelado, desprovido de estrutura que o proteja do sol e das chuvas. Percebe-se que existe uma diferença entre o túmulo do (José da Luz), e da (Rita Varão). Com isso, podemos compreender que o cemitério, enquanto um espaço retrata e simboliza bastante as diferenças existentes entre as classes sociais da sociedade picoense.



Imagem 11: Mausoléu da Família José de Deus Barros no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

O mausoléu acima na imagem 11 é uma construção de destaque no referido cemitério, pois é de uma família influente aqui na cidade que porta o Nome de José de Deus Barros, nome esse que intitula a Penitenciária da cidade. Ao observarmos a estrutura física já imaginamos que é de família de poder aquisitivo alto, interessante ressaltar a frase que está escrita: Seu nome é a nossa maior herança! Com isso entendemos e vemos que o nome já se encarrega de toda uma memória.



Imagem 12: Sepultura simples no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

Já ao analisarmos a sepultura acima imagem 12, voltamos à questão já levantada neste trabalho que a memória do pobre é esquecida, pois o fato desta sepultura não está em bom estado de conservação, não é possível identificar nem ao menos o nome do falecido, essa imagem nos leva a crer, que daqui a alguns anos esta será uma das inúmeras covas sucumbidas pela falta de uma estrutura física melhor, ou seja, uma demarcação de território. Ao compararmos com a imagem 10, provavelmente esta cova seja de alguém ainda mais desprovido socialmente.



Imagem 13: Túmulo antigo de Família italiana no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018).
Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

Este acima na imagem 13 é um túmulo antigo de família Italiana que residia aqui em Picos-PI neste período, existe seis corpos dentro deste, inclusive o da Ana Maria Sapiência Rocha falecida em 12-11-1944, Doméstica, casada, 56 anos filha de José Sapiência, a mesma teve como causa de sua morte Edema aguda do Pulmão. Esses dados são possíveis saber devido à análise do seu registro de óbito que se encontra na imagem abaixo, é o número (8) na relação.

Registro de Enterramentos. Cer

Mês de Novembro

Numero	Nome do morto	Sexo	Idade	Est. Civil	Côr	Nacionalidade	Naturalidade	Profissão	Data do Óbito	
1	Joaquim Gonçalves da Silva	M	38 anos	Viúvo	M	Brasil	Piauí	Lavrador	1-11-44	Joaq. Gonç.
2	Maria da Conceição	F	1 dia	Solt.	M	"	"	-	2-11-44	Maria da C.
3	Antônio Carneiro de Carvalho	M	2 mes.	Solt.	M	"	"	-	3-11-44	Antônio C.
4	Henrique de Sousa	M	60 ans	Viúvo	M	"	"	Artesão	3-11-44	Henrique S.
5	Maria Joana	F	3 mes.	Solt.	M	"	"	-	3-11-44	Maria J.
6	Raimundo José	M	10 dias	Solt.	B.	"	"	-	4-11-44	Raimundo J.
7	Francisco Dias	M	1 ano	Solt.	M	"	"	-	8-11-44	Francisco D.
8	Ana Maria Sapiência Rocha	F	56 anos	Casada	B.	Italia	"	Doméstica	12-11-44	Ana Maria S.
9	Edivaldo Senoz de Lima	M	1 ano	Solt.	M	Brasil	Piauí	-	14-11-44	Edivaldo S.
10	Esperito Afonso	M	6 mes.	Solt.	B.	"	"	-	16-11-44	Esperito A.
11	Maria Luiza da Silva	F	6 mes.	Solt.	M	"	"	-	15-11-44	Maria L.
12	Alzira Justina da Conceição	F	6 mes.	Solt.	B.	"	"	-	15-11-44	Alzira J.
13	Antônio Silveira	M	1 mes.	Solt.	B.	"	"	-	17-11-44	Antônio S.
14	Francisco Rodrigues de Sousa	M	1 ano	Solt.	M	"	"	-	18-11-44	Francisco R.
15	Maria Gema das do Moura	F	87 anos	Casada	B.	"	"	Doméstica	20-11-44	Maria G.
16	João Luiz de Moraes	M	1 ano	"	B.	"	"	Sumo publico	22-11-44	João L.
17	Maria de Jesus Barros	F	1 ano	Solt.	M	"	"	-	23-11-44	Maria de J.
18	Maria Gonzaga de Jesus	F	21 mes.	Solt.	B.	"	"	Doméstica	24-11-44	Maria G.
19	José Maria da Conceição	F	48 anos	Solt.	M	"	"	"	27-11-44	José M.
20	Antozilda dos Santos Nunes	F	22 mes.	Casada	B.	"	"	"	30-11-44	Antozilda S.

Imagem 14: Registro de Óbito. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

25

ntos. Cemiterio Municipal de Picos Ano de 1944

Data do Obito	Filiação	Domicilio	Logar do Obito	Data do enterramento	Causa da morte	Observações
1-11-44	José Gonçalves Guimarães	Saudade	Março grande	2-11-44	-	
1-11-44	Ignorada	Picos	Picos	3-11-44	-	
1-11-44	José Ferreira de Carvalho	Capneiro	Capneiro	3-11-44	menina grande	
1-11-44	Ignorada	Picos	Picos	6-11-44	-	Indigente
1-11-44	Maurício José Francisco	Queros	Queros	6-11-44	-	Indigente
1-11-44	Medino Clementino Santos	Sorta	Picos	6-11-44	Hereda leg	
1-11-44	Sebastião Dias	Picos	Picos	8-11-44	-	
2-11-44	José Sapiência	Picos	Picos	12-11-44	causa aguda de pulmão	
2-11-44	Nicete Torres de Lima	Picos	Picos	15-11-44	gastroenterite	
4-11-44	Moroso Lopes dos Santos	Lagoa Salgada	Lagoa Salgada	15-11-44	-	
5-11-44	José Evangelista	Suturo	Suturo	16-11-44	-	
5-11-44	José Casimiro da Sousa	Morro Redondo	Morro Redondo	16-11-44	-	
7-11-44	Pedro Pelverio	Mari	Mari	17-11-44	-	
8-11-44	Blasiuso Rodrigues da Costa	Picos	Picos	19-11-44	Hereda leg	Indigente
9-11-44	Martinho Borges Leal	Panambaia	Panambaia	20-11-44	S. pulmonar	
2-11-44	Decláudio Borges Leal	Picos	Picos	21-11-44	Hereda leg	
3-11-44	Pedro Barroso de Araújo	Picos	Picos	23-11-44	gastroenterite	
4-11-44	Maximiano Batista dos Santos	Megre	Picos	24-11-44	S. pulmonar	Indigente
7-11-44	Maurício Jerônimo dos Santos	Picos	Picos	28-11-44	Hereda leg	Indigente
8-11-44	José Baldemar de Barros	Picos	Picos	30-11-44	Hereda leg	

Imagem 15: Registro de Óbito. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.



Imagem 16: Túmulo antigo extramuros no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.



Imagem 17: Túmulo antigo no Cemitério São Pedro de Alcântara. Picos-PI (2018). Fonte: Arquivo pessoal da aluna Patrícia Alves da Silva.

Sobre o túmulo da imagem 16, ele está localizado do lado de fora do cemitério, obedecendo às leis da Igreja católica da época em que pessoas que se suicidavam, ou que morriam de doenças contagiosas não poderiam ser enterradas juntamente com outros falecidos no interior do cemitério. Segundo relato de populares este túmulo é da década de 1920, mas não tem como saber ao certo, pois o mesmo se encontra sem identificação, eles ainda relatam que existem mais corpos enterrados do lado de fora, mas apenas o da imagem foi conservado. Devido à estrutura física é possível saber que é de alguém de alto poder aquisitivo, devido ao material usado na construção e mesmo com tanto tempo ainda se encontra em bom estado de conservação.

Outro fator que não se sabe ao certo é a causa da morte, uns dizem que foi Gripe Espanhola, outros dizem que foi suicídio. Rodrigues (2005) relata fatos deste tipo intitulando de “Os cadáveres que a Igreja não quis”. É interessante ressaltar que o cemitério é um espaço público, mas exclusivo de um público católico, pois era inadmissível enterrar alguém que não estivesse em conformidade com as leis da Igreja católica. Rodrigues (2005) afirma que:

As leis da Igreja Católica proibiam o enterrar-se em sagrado os que se suicidavam, uma vez que antes de morrer não tenha dado sinais de arrependimento, acrescentando a circunstancia no presente caso de ser o falecido protestante, o que ainda é outro impedimento para ser enterrado em cemitério católico. Para “conciliar as leis da igreja com o dever da caridade” que se devia aos semelhantes, o vigário-geral apenas autorizava que o reverendo pároco de Sapucaia fizesse “o enterramento do infeliz junto ao cemitério ao lado de fora” (RODRIGUES, 2005, p.151).

Analisando o túmulo da imagem 17, o mesmo é antigo da década de 1930 onde estão enterradas duas crianças da mesma família, existem mais túmulos no cemitério só com crianças, isso se deve a alta taxa de mortalidade infantil que encontramos ao analisarmos os registros de óbito como já colocamos no capítulo anterior. Fazendo referência ainda às doenças, vale ressaltar que o maior número de óbitos que acontecia no recorte analisado acometia as crianças de 0 a 10 anos e as causas mais recorrentes da morte eram tuberculose pulmonar, bronquite capilar, difteria, bronquite, sarampo e febre tifóide.

Nesse seguimento, entende-se que mesmo não havendo muitos exemplos, por conta da deterioração de diversos túmulos antigos, desse modo, finalizamos esse capítulo, percebendo que o cemitério se constitui enquanto um espaço que retrata a realidade de uma sociedade, que por sua vez, se apresenta dividida em categorias sociais, que podem ser potencialmente analisadas a partir desse espaço, no qual, abre a possibilidade para outros pesquisadores expandirem a temporalidade, e observarem esses aspectos de forma mais aprofundada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostrou que a morte é um destino certo, e que mesmo o homem não aceitando ele não consegue mudar isso, pois a morte e a vida estão bem interligadas. A vida é apenas um processo da nossa existência, e a única certeza que temos na vida é a morte. Desse modo o indivíduo utiliza-se de todos os aportes para superar esta certeza e não demonstrar sua fraqueza diante deste fenômeno.

Durante este trabalho ressaltamos a importância dos túmulos para compreendermos as transformações históricas, culturais e sociais expostas no cemitério em questão, pois além de ser um espaço onde enterram os mortos, é também é um local de culto a eles, preservação de memórias arrolada por símbolos e significados.

No decorrer deste, podemos observar que a construção dos espaços de enterramentos, faz parte de um processo histórico e social, no qual o Ariés (2003) já citava na sociedade ocidental Francesa. Aqui no Brasil se inicia no século XIX que também passou por todo este processo.

Com isso, o espaço do cemitério, pode sim ser pensado com um espaço onde possibilita pensá-lo como um lugar de construção de memórias que parte do mais íntimo do sujeito, chegando a uma coletividade, nesse ambiente existe uma relação de identidade com a pessoa e o lugar, despertando naquele que frequenta o cemitério São Pedro de Alcântara um sentimento de pertencimento, juntamente com o aforamento de lembranças do seus ente queridos. Logo podemos dizer que, o cemitério pode ser visto como um lugar de saudades, lembranças e sensibilidades entre os indivíduos e aqueles que ali estão enterrados.

Ainda nessa perspectiva, foi apontada a caracterização dos espaços, e em específico, o lugar do cemitério, enquanto um espaço que se constitui como símbolo de retratação da realidade dos picoenses. Onde as famílias conhecidas pelos seus poderes aquisitivos possuem túmulos com melhores estruturas, e as menos favorecidas economicamente, não possuem uma estrutura boa, e muito menos condições de manter o espaço ou o túmulo zelado. Nessas representações, apontamos que se pode compreender que os cemitérios é um lugar dos mortos, mas é marcado por representações dos vivos.

Os nossos objetivos foram alcançados através, da análise de fontes, onde usamos de critérios quantitativos em alguns casos, como de uma análise qualitativa em outros. Os registros de óbitos foram analisados, contabilizadas e processadas suas informações. As fotografias dos túmulos contribuíram para que pudéssemos chegar ao nosso objetivo principal, de observar o processo de construção do cemitério sob o viés histórico e social.

Por fim, acreditamos que essa pesquisa tem sua importância para academia, como também para a sociedade picoense, pelo qual, através dela, se pode entender como ocorreu à construção dos espaços de enterramentos, e o uso do mesmo durante o período em questão. Além disso, entender o cemitério enquanto um lugar simbólico, cheio de representações, que merece ser mais estudado. Com isso, conclui-se essa pesquisa, tendo a compreensão que ela é pode ser expandida, seja numa futura pós-graduação, ou então até por outros pesquisadores que pretendem estudar a temática, e expandir a temporalidade desse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. das G. de. **Morte, cultura, memória – múltiplas interseções: uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas estudados nas cidades do Porto e Belo Horizonte**, 2007, 419f. Tese. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. p. 35.

Apontamentos para a história cultural do Piauí; vários autores, Fundação de Apoio Cultural do Piauí- FUNDAPI- Teresina; 2003. 486p.

ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um cemitério: a transferência do cemitério público de Florianópolis (1923-26)**. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2004.

CHERNOVIZ, Napoleão. **Dicionário de medicina popular**. [s.l.]: 1890. Disponível em: <<http://www.meusdownloads.com.br/p-servicos.jsp?ppID=c586>>. Acesso em: 02.05.2018.

CYMBALISTA, Renato. **"Cidades dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo"** (Anna Blume/FAPESP)

CORBIN, Alan. **Saberes e odores. O Olfato e o Imaginário Social nos Séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1987 (pag. 149).

DIARIO OFICIAL. **Código de Posturas de 1939. Teresina: 18 de maio de 1939**, p. 04.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. ed. Picos: Nordeste, 1991.

MARINHO, Joseane Zingleara Soares. **A assistência á saúde Materno-infantil no Piauí (1937-1945)**. 15p. Teresina-2012.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Publicações Europa América, s/d, 1988.

OLIVEIRA, Carla Silvino de. **Cidade (in) salubre: ideias e práticas médicas em Fortaleza (1838 – 1853). Fortaleza- CE.** Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará. 2007

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder.** Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.53-79, 2009. Disponível em: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

REIS, João José. **A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX),** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, 392 p.

SARDINHA, Luciana Monteiro Vasconcelos. **Mortalidade infantil e fatores associados à atenção à saúde: estudo caso-controle no Distrito Federal (2007-2010).** 181p. Tese de doutorado- Universidade de Brasília, Brasília- 2014.

VARÃO, Maria Goreth de Sousa, **Picos: historias que as famílias contam.** EDUFPI, 2007.

Depoimentos:

LÉLIS, Dimas Leopoldo. Depoimento concedido a Patrícia Alves da silva. Picos, 2017.

FIALHO, Maria Oneide. Depoimento concedido a Patrícia Alves da silva. Picos, 2017.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Patrícia Alves da Silva,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
O Processo de Construção do Cemitério São Pedro
de Alcântara em Picos-PI (1901 a 1948)
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 27 de Junho de 2019.

Patrícia Alves da Silva
Assinatura

Patrícia Alves da Silva
Assinatura